

Informe Rural do ETENE

Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste – ETENE

Banco do Nordeste do Brasil S.A.

Setor sucroenergético nordestino enfrenta grave crise



Fonte: cedida aos autores pela Usina Paísa, Alagoas.

Maria de Fátima Vidal

Engenheira Agrônoma, Mestre em Economia Rural e
Coordenadora de Estudos e Pesquisas do ETENE/BNB

fatimavidal@bnb.gov.br

1 Introdução

O setor sucroalcooleiro brasileiro é o mais competitivo do mundo, visto que possui maiores níveis de produtividade, rendimento industrial e menores custos de produção. Estes fatores levaram o Brasil a se tornar o maior produtor e exportador mundial de açúcar, respondendo por aproximadamente 23% da produção e 44% do comércio mundial do produto. Com relação ao etanol, o Brasil é o segundo maior produtor mundial, atrás apenas dos Estados Unidos, os quais, juntos, detêm quase 90% da produção.

O Nordeste brasileiro é a segunda região mais competitiva no mercado mundial de açúcar, só perdendo para o Centro Sul do País. Atualmente existem no Nordeste cerca de 25.000 pequenos produtores de cana-de-açúcar que são responsáveis por 35% da matéria-prima processada pelas usinas e 77 unidades industriais com capacidade instalada superior a 4 milhões de toneladas de açúcar e 2,5 bilhões de litros de etanol. Estas plantas geram em torno de 640.000 postos de trabalho diretos e indiretos.

Apesar disso, o setor sucroenergético nordestino tem se retraído e enfrenta atualmente uma grave crise econômica e financeira que tem levado muitas unidades

produtivas a encerrar suas atividades. A produção de cana-de-açúcar na Região tem decrescido continuamente. Na safra 2012/13, a produção de cana no Nordeste foi de 52,9 milhões de toneladas, uma queda de 22% em relação à safra 2007/08. Para a safra 2014/15, a CONAB (2014) prevê redução de área plantada com cana no Nordeste de 30,5 mil hectares, sendo 6,9 mil hectares em Pernambuco e 27 mil hectares em Alagoas.

Dentre os fatores apontados como causadores da atual crise pela qual passa o setor podem ser destacados: a concorrência com regiões que possuem melhores condições edafoclimáticas¹ e em alguns Estados incentivos governamentais, ocorrência de fatores climáticos adversos (secas) e políticas governamentais que privilegiam o consumo da gasolina em detrimento do álcool.

Além disso, o setor não está conseguindo se modernizar o que está aumentando a distância de produtividade e eficiência alcançado pelo Centro Sul.

Atualmente, a principal reivindicação do setor é o pagamento da equalização dos custos de produção da cana-de-açúcar no Nordeste em relação ao Centro Sul do

¹ Condições de solo e clima.

País, porém não existe embasamento legal permanente que garanta este mecanismo. Dessa forma, todos os anos o setor se mobiliza para que o governo conceda o subsídio.

2 Diagnóstico da situação atual do setor no Nordeste

A agroindústria canavieira no Nordeste vem se degenerando desde a extinção do I.A.A. (Instituto do Açúcar e do álcool) em 1990. Tal instituto funcionava como agência reguladora do setor sucroalcooleiro. Até então, o setor estava protegido por um arcabouço legal e institucional (Estatuto da Lavoura Canavieira – 1941/lei 4870-165 e o I.A.A. de 1933 a 1990) que permitia o desenvolvimento do setor mesmo possuindo desvantagens edafoclimáticas em relação a outras regiões produtoras do país.

Por força do maior custo de produção do setor sucroalcooleiro no Norte/Nordeste com relação ao Centro/Sul do Brasil, foi aprovada em 1965 a Lei 4.870, retificada em 2002 pela Lei 10.453, criando o Programa de Equalização de Custos Agrícolas da Cana-de-Açúcar no Nordeste, em que a diferença dos custos existentes entre essas duas regiões brasileiras seria compensada pelo Governo Federal. Porém, após a extinção do I.A.A. o programa não teve continuidade e, a cada dificuldade, o setor se mobiliza para que o governo aprove instrumentos legais para o pagamento da equalização.

A extinção do I.A.A. juntamente com a expansão de novas fronteiras agrícolas levaram ao comprometimento da viabilidade econômica de grande número de empresas no Nordeste.

Incentivos governamentais em outras regiões do Brasil têm reduzido ainda mais a competitividade nordestina na produção de açúcar e álcool. De acordo com Correa (2013), alguns municípios do Centro-Oeste oferecem incentivos fiscais e até mesmo doação de terras para implantação de novos empreendimentos agropecuários. Vale ressaltar ainda a construção em execução do alcoodulto entre as principais regiões produtoras do Centro-Oeste e Sudeste, que deve reduzir o custo de escoamento da produção, portanto, aumentando a competitividade do Centro-Oeste em termos de exportação e distribuição no País. Com o alcoodulto será possível para o Centro-Oeste comercializar maior volume de etanol no Nordeste.

Estes fatores juntamente com a expansão da fronteira agrícola nessa região, já que as áreas propícias à produção de cana-de-açúcar no Nordeste e Sudeste já estão saturadas, possibilitou que o Centro-Oeste ultrapassasse o Nordeste em produção de açúcar na safra 2012/13.

Outro aspecto que tem afetado negativamente a saúde financeira das usinas, não só no Nordeste, é a perda de competitividade do etanol para a gasolina no mercado interno devido a manutenção artificial do preço

da gasolina, pois em alguns momentos a relação do preço de varejo do álcool e da gasolina não foi vantajosa para o consumidor final. O etanol hidratado, usado nos veículos *flex*, rende cerca de 30% menos que a gasolina, logo, para que seu uso seja mais vantajoso, o preço do litro do etanol tem que custar até 70% do preço do litro da gasolina.

Outros fatores estão agravando a situação das empresas sucroenergéticas nordestinas:

- a. Secas ocorridas nas safras 93/94, 97/98 e 12/13. A última seca provocou uma quebra de produção de 10 a 12 toneladas/ha. Parte do canal que não recebeu irrigação de salvação morreu e precisará ser replantado com um custo médio de R\$ 5.000,00/ha;
- b. Baixos preços do açúcar no mercado internacional em 2012, que segundo Barros & Adami (2013) foi de (-7,9%) em relação a 2011, resultado dos elevados estoques mundiais;
- c. Usinas com equipamentos ultrapassados;
- d. Financeiramente a safra 2013/14 foi pior para as usinas do que a safra 2012/13 (ano seco), pois o rendimento industrial da cana foi inferior ao obtido no ano de seca. O ATR obtido na safra 2012/13 foi em média de 136 kg/tonelada de cana, enquanto na safra 2013/14 foi de 124 kg/tonelada de cana. Isso ocorreu porque na safra em que houve a seca a cana vinha de um ano de chuvas regulares, a seca provocou concentração de açúcar na cana, resultando em boa produtividade em termos de ATR². Já na safra 2013/14 além da cana ter crescido pouco devido o estresse hídrico ocorrido no ano anterior, choveu na época da colheita, o que prejudica o rendimento industrial. Além disso, na safra 2012/13 não foi possível fazer renovação de área de cana³ devido à seca, dessa forma, na safra 2013/14 o setor estava com toda a cana velha;
- e. Taxa de câmbio abaixo do ponto de equilíbrio para a indústria. Isso faz com que a demanda externa seja crescente, porém, a remuneração do exportador é menor. Essa situação já perdura há muitos anos e isso pode ter minado a saúde financeira de muitas empresas;
- f. Manutenção artificial do preço da gasolina que representa um teto para o preço do etanol devido ao diferencial de rendimento energético. Dessa forma, os preços do

² Açúcar Total Recuperável

³ A renovação anual da cana é de 15% a 20% da área plantada.

etanol, tanto hidratado quanto anidro, são afetados pela política de manutenção da estabilidade do preço da gasolina.

Todos estes fatores em conjunto provocaram uma grave crise no setor sucroenergético nordestino. Poucas empresas no Nordeste estão em boa situação financeira e muitas já faliram.

Atualmente, Alagoas possui 24 usinas em atividade, no entanto na última safra (2013/14) quatro delas foram desativadas temporariamente. Em Pernambuco, pelo menos cinco usinas deixaram de operar desde 2010. O setor estima que a atividade sucroalcooleira no Nordeste gera em torno de 640.000 empregos diretos e indiretos, sendo a maior parte na zona da mata de Alagoas e Pernambuco, portanto, a falência do setor representa grave problema social, principalmente para estes dois Estados.

Em Alagoas os fornecedores de cana vêm se mobilizando para manter em operação algumas usinas, o Governo de Pernambuco tem estudado a viabilidade de replicar esta experiência nas usinas desativadas, a exemplo das usinas de Cruangi e Pumaty.

Entre as empresas que apresentam boa situação financeira atualmente na zona da mata nordestina observam-se alguns pontos em comum, entre os quais: adoção de tecnologia de ponta na produção agrícola com relação a irrigação manejo de solos e variedades de cana melhoradas, rígido controle de custos e preservação/recuperação ambiental, aspecto extremamente importante para as usinas, pois, aumenta a disponibilidade hídrica das microbacias hidrográficas.

A elevação da produtividade agrícola é uma das principais ações apontadas pelos principais atores da cadeia para o setor nordestino se tornar competitivo, pois possibilita a redução dos custos fixos das empresas. Para a obtenção de elevada produtividade no Nordeste é necessário:

- a. Investimento em pessoal qualificado em gestão e produção agrícola (irrigação e solos);
- b. Adoção de irrigação plena nas unidades que possuem disponibilidade hídrica. Observar que a irrigação de salvação não resulta em aumento de produtividade, já que não promove o crescimento da cana. O único objetivo é não deixar a cana morrer e esta só produzirá na safra seguinte, condicionado ainda, à ocorrência de período chuvoso regular;
- c. Manejo de irrigação de forma a se obter elevada eficiência;

- d. Observar que irrigação por si só possui um limite de aumento de produtividade, para atingir o potencial das variedades é necessário agregar manejo de solo (programa de adubação e calagem conforme a análise de solo e subsolagem nas áreas compactadas), nutrição de plantas (fertirrigação de acordo com a necessidade da planta, uso do vinhoto) e controle fitossanitário;
- e. Variedades adequadas a cada sistema de produção (sequeiro, irrigado) e a manchas de solos;
- f. Fazer rotineiramente análise de custos para selecionar as tecnologias que proporcionem melhor margem líquida.

Existem usinas na zona da mata nordestina que através de pacote tecnológico específico para as condições locais (irrigação plena, adubação, uso de variedades adequadas) conseguem maior produtividade que as usinas localizadas no sudeste. A Usina Miriri, por exemplo, localizada no estado da Paraíba, consegue uma produtividade agrícola de até 130t/ha de cana em áreas irrigadas, o que confere em média uma produtividade de 18 toneladas de açúcar por hectare enquanto em São Paulo a média é de 10 t/ha. Na mesma empresa, a maior receita líquida é obtida com a cana que recebe irrigação plena comparada a cana de sequeiro e a cana irrigada com 50% da necessidade hídrica da cultura.

Em 2013, para minimizar os efeitos da seca o Governo Federal autorizou o pagamento de subvenção extraordinária aos produtores e fornecedores de cana-de-açúcar no valor de R\$ 12,00 (doze reais) por tonelada. Também foram beneficiadas com a subvenção as unidades produtoras de etanol no valor de R\$ 0,20 por litro. As unidades produtoras de açúcar não tiveram direito à subvenção, o que gerou descontentamento entre os produtores de açúcar.

3 Considerações finais e recomendações

O setor sucroenergético nordestino enfrenta uma grave crise, muitas empresas já foram à falência em Alagoas e em Pernambuco e outras estão em vias de parar de moer, o que representa sério problema social devido ao elevado número de postos de trabalho que as usinas ainda geram na zona da mata nordestina.

Além dos problemas conjunturais o setor também sofreu com seca ocorrida na safra 2012/13, se não ocorrer outros fatores adversos, serão necessárias cercas de três safras para o setor voltar a produzir o mesmo que produzia antes da ocorrência da seca.

Além das condições climáticas adversas, o setor encontra-se com elevado nível de endividamento, produtividade baixa e em declínio e parque industrial defasado. No entanto, com adoção de tecnologia e bom gerenciamento é possível o Nordeste ser competitivo frente às demais regiões do país e poderá inclusive não precisar mais da subvenção que o setor ainda depende para sobreviver.

Portanto, sugere-se ao BNB financiar a modernização das empresas que estejam adimplentes com o Banco da seguinte forma:

1. Construção de barragem e canais de irrigação;
2. Aquisição e implantação de sistema de irrigação;
3. Co-geração de energia elétrica. A bioeletricidade de cana no Nordeste possui grande importância porque é produzida no período seco do ano, época em que geralmente, o reservatório de sobradinho está com baixo volume de água;
4. Substituição de equipamentos e máquinas obsoletas de processamento industrial;
5. Apoiar a substituição da cultura nas áreas de declividade acentuada e nas margens de rios e riachos, especialmente com a recuperação da mata nativa, no âmbito do FNE-Verde;
6. Financiamento de equipamentos para a diversificação da linha de produção de açúcar bruto para o tipo branco (consumo direto), para agregar valor ao produto exportado.

Por meio da mobilização do setor o Ministério da Integração Nacional constituiu em 2013 o Comitê Temático Interinstitucional para Recuperação do Setor Sucroenergético da Região Nordeste, com o objetivo de propor ações de médio e longo prazos para o soerguimento do setor. Os trabalhos foram coordenados pela Sudene. Porém, o documento final ainda não foi concluído.

Referências

CONAB. Companhia Nacional de Abastecimento. Acompanhamento da safra brasileira de cana-de-açúcar. – v. 1 – Brasília: Conab, 2014. Quarto levantamento abr. 2014. Disponível em: <<http://www.conab.gov.br>>. Acesso em: 25 de jul. 2014.

BARROS, G. S. de C.; ADAMI, A. C. de O. Exportações do agronegócio batem novo recorde em 2012, mesmo com queda de preços. CEPEA/ESALQ. Piracicaba, 22 de Jan. de 2013. Disponível em:

<<http://cepea.esalq.usp.br/macro/>>. Acesso em: 25 de jul. 2014.

Informe Rural ETENE

Conheça outras publicações da Série no link:

http://www.bnb.gov.br/content/aplicacao/etene/etene/gerados/informe_rural.asp

Ano 2014

Agroindústria Familiar no Nordeste: Limites do Financiamento no Pronaf-Agroindústria

Bovinocultura leiteira no Nordeste: uso racional dos fatores de produção para maiores lucratividade e rentabilidade

Efeitos da seca de 2012 nas exportações nordestinas de mel

Ano 2013

Produção Nordestina de Açúcar e Alcool

Cultivo de Palma Forrageira para Mitigar a Escassez de Forragem em Regiões Semiáridas

Efeitos da Seca de 2012 sobre a Apicultura Nordestina

Efeitos da Ocorrência de Secas sobre Indicadores Agropecuários do Estado do Ceará

Ano 2012

Manejo Florestal: Uma Possibilidade de Parceria entre Calcinadores e Apicultores na Chapada do Araripe (Pe)

Análise Econômica da Cultura do Girassol no Nordeste

Setor de Peles e de Couros de Caprinos e de Ovinos no Nordeste

Ano 2011

Produção, Área Colhida e Produtividade do Milho no Nordeste

Recuperação da Carcinicultura Nordestina Pró-Crise

Produção e Área Colhida de Mamona no Nordeste

Produção e Área Colhida de Soja no Nordeste

Febre Aftosa: Doença que Provoca Grandes Prejuízos à Pecuária

Condição do Produtor na Direção dos Estabelecimentos Agropecuários no Nordeste

Aspectos da Produção e Mercado da Banana no Nordeste

Valores Econômicos de Seleção para Bovinos Leiteiros no Semiárido do Ceará

Caracterização do Sistema de Abate de Bovinos no Nordeste

Leite: A Produção Aumenta e o Lucro Diminui

Produção, Área Colhida e Efetivo da Uva no Nordeste

Condição do Produtor em Relação às Terras no Nordeste

Produção e Área Colhida de Amendoim no Nordeste

Produção e Efetivo do Cacau no Nordeste

Produção e Efetivo do Café no Nordeste